

“Sou mulher, negra, mãe e cria da favela da Maré”, assim se descrevia Marielle Franco, 38 anos, a 5ª vereadora mais votada do Rio nas eleições de 2016 em sua primeira disputa eleitoral, filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Marielle também era presidente da Comissão de Defesa da Mulher e defensora dos direitos LGBTQ. No dia 14 de Março, ao sair do evento "Jovens Negras Movendo as Estruturas" no Rio de Janeiro, ela e seu motorista Anderson Pedro Gomes foram executados com ao menos 9 tiros disparados desde dentro de um automóvel que os cercou e fugiu em seguida.

O Complexo da Maré, ou simplesmente “Maré” como é conhecido popularmente, é um agrupamento de 17 favelas no Rio de Janeiro e tem cerca de 130.000 habitantes. Seja antes ou durante o comando da segurança no Rio pelas Forças Armadas, os níveis de violência nas favelas sobretudo contra a população negra são extremamente altos. Apesar da execução de Marielle não se tratar de um crime como homicídio ou latrocínio, faz-se importante destacar os números da violência contra a população negra no Brasil: a cada 100 vítimas de homicídios no país, 71 são negras; um jovem afrodescendente é morto a cada 21 minutos no país. Na média nacional, a taxa de homicídio de mulheres negras é o dobro da taxa das mulheres brancas; o número de homicídios de negras aumentou 54% enquanto o de brancas diminuiu 9,8% nos últimos anos. As mulheres negras também são as principais vítimas de violência de gênero, como a doméstica e sexual. Vale destacar também que segundo a Anistia Internacional, o Brasil é o país das Américas onde mais se matam defensores dos direitos humanos.

Marielle iniciou sua militância no ano 2000, depois de ingressar em um curso pré-vestibular comunitário e perder uma amiga, vítima de bala perdida, em tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré. Tornou-se parte do que ela chamava de “bonde de intelectuais da favela”, por haver conseguido acesso à uma boa universidade recebendo bolsa integral. Aos 19 anos, ela se tornou mãe. Conjuntamente com sua atuação política no PSOL, Marielle cursou mestrado na Universidade Federal Fluminense e escreveu sua dissertação nomeada “UPP: Redução da Favela a Três Letras”. Ela defendia que as UPPS (Unidades de Polícia Pacificadora) fortaleciam um Estado Penal que, pelo discurso da insegurança, aplica uma política voltada para a repressão e controle dos pobres.

Marielle era uma voz ativa contra os abusos cometidos pela polícia. Em 28 de Fevereiro ela havia sido nomeada relatora da Comissão criada para acompanhar os desdobramentos da intervenção militar federal no Rio. Dias antes de sua execução, ela havia denunciado a ação brutal e truculenta da Polícia Militar na região do Irajá, na comunidade de Acari, comunidade na zona Norte do Rio. Dado este contexto, é impossível descartar a hipótese de um feminicídio político.

Marielle foi assassinada pelo Estado e pelo poder, que não está acostumado a ver uma mulher negra da periferia em uma situação de destaque, de tomada de decisão, e muito menos na política. Ela era uma mulher que enfrentava e denunciava a crise da polícia e que não se acomodou à crise da representação política. Sua presença incomodava o sistema político patriarcal, racista e heteronormativo. Quiseram calar sua voz de oposição. Pensaram que o assassinato de mais uma mulher negra no Rio seria apenas mais um a compor as estatísticas. Se enganaram.

Na noite de 15 de Março milhares de pessoas saíram às ruas em todas as regiões do Brasil e do mundo para cobrar justiça e imparcialidade nas investigações sobre sua morte e para exigir a apuração imediata dos fatos. Que após as investigações não restem dúvidas sobre a motivação e autoria de sua execução.

Que após as investigações não restem dúvidas sobre a motivação e autoria de sua execução. O assassinato de Marielle deixou uma ferida aberta que expôs a pior faceta do Estado. As classes política e militar terão que enfrentar o grito das ruas que os lembrarão que não conseguirão governar o país como bem entendam e sem consequências, grito de palavras que traduzem a ferida aberta no peito do povo brasileiro: Marielle, presente!